



DOI: <http://dx.doi.org/10.46375/relaec.34842>

DE REPENTE, AULAS REMOTAS! O REINVENTAR-SE NA PROFISSÃO DOCENTE

SUDDENLY, REMOTE LESSONS! REINVENTING YOURSELF IN THE TEACHING PROFESSION

Daniella Penrabel (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul), **Patrícia Alves Carvalho** (Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul)

RESUMO: No processo de buscas da identidade docente e do exercício do magistério, tomada pelo desejo de buscas, deparei-me com o 'de repente'. De repente, tudo acontece, tudo muda, tudo se transforma. O que era 'normal', deixa de ser normal. O que era certo, precisa de adequações. O que eu sabia fazer, se torna vago diante de uma pandemia. A reflexão proposta é o desvelamento da expressão 'De repente, aulas remotas! O reinventar-se na profissão docente', tendo por objetivo 'compreender a reinvenção docente por meio da produção de materiais pedagógicos para as aulas remotas no período da COVID-19'. Dois fragmentos de falas de profissionais da educação abrem o caminho para a descrição da produção de materiais pedagógicos, ou seja, dos materiais produzidos pelos professores nesse período de COVID-19. A pesquisa é qualitativa e, percorre pela metodologia a pesquisa documental, considerando o olhar fenomenológico sobre a reflexão que se pretende apreciar.

Palavras-chave: Educação; Sala de Aula; Atividades remotas.

ABSTRACT: In the process of searching for the teaching identity and the exercise of teaching, taken by the desire to search, I came across 'suddenly'. Suddenly, everything happens, everything changes, everything changes. What was 'normal' is no longer normal. What was right, needs adjustments. What I knew how to do, becomes vague in the face of a pandemic. The proposed reflection is the unveiling of the expression 'Suddenly, remote classes! The reinventing oneself in the teaching profession', with the objective of understanding the teaching reinvention through the production of pedagogical materials for remote classes in the period of COVID-19. Two fragments of speeches by education professionals open the way for the description of the production of pedagogical materials, that is, of the materials produced by teachers in this period of COVID-19. The research is qualitative and, through the methodology, the documentary research, considering the phenomenological look on the reflection that is intended to be appreciated.

Keywords: Education; Classroom; Remote activities.

Introdução

'De repente, aulas remotas!' – é um convite a reflexão sobre a situação educacional vivenciada por docentes, a partir de março de 2020, devido à COVID-19, doença causada pela SARS COV 2, por se tratar de uma síndrome respiratória aguda. A prefeitura municipal de Campo Grande/MS, devido os primeiros casos de COVID-19, por meio do Decreto n. 14.189, de 15 de março de 2020, suspendeu as aulas presenciais nas instituições de ensino a partir do dia 18, do mês de março. A princípio por 20 dias. O decreto n.14.227, de 4 de abril de 2020, prorroga o prazo de suspensão de aulas presenciais até o dia 6 de maio e, por meio da Resolução Semed n. 203/2020, efetiva os dias letivos por meio de atividades curriculares domiciliares, ou seja, a resolução da Secretaria Municipal de Campo Grande/MS, determina que as instituições de ensino no âmbito do município, deverão promover meios para que a suspensão das aulas não cause ainda, maior dano à aprendizagem dos alunos.

É o início das aulas remotas. Há uma pausa no trabalho docente, uma vez que, de acordo com o Decreto 14,290, as férias escolares de 17 a 31 de julho, previstas no calendário escolar do ano de 2020, para a Rede Municipal de Ensino/REME de Campo Grande, constante nas Resoluções Semed n. 199 e 200, de 21 de novembro de 2019, ficam antecipadas para o período de 7 a 21 de maio de 2020. Após o período de férias escolares, ao retomar as atividades pedagógicas, as aulas remotas voltam e continuam acontecendo porque a suspensão de aulas presenciais continua pelo Decreto Estadual n. nº 15.436, de 13 de maio de 2020, que leva em consideração a

Recomendação Conjunta nº 01/2020/SES/SESAU/SED/SEMED, suspendendo as aulas até o dia 30 de junho de 2020. O Governo do Estado publica o Decreto Estadual n. 15.463, de 25 de junho de 2020, suspende novamente as aulas presenciais até o dia 31 de julho do corrente ano.

A proposição dada pela temática parte de um novo ponto de vista, um novo olhar, um novo diálogo. É preciso transpor as barreiras do ser e estar na profissão docente. Chamamos a atenção a expressão reinventar-se, não no sentido de deixar para trás o nosso passado, mas de nos impulsionar para o futuro, impulsionar as nossas práticas pedagógicas. E como impulsionar essas práticas? Durante décadas estivemos condicionados às salas de aulas, ao material impresso, a algumas visitas às salas de informática ou a algumas pesquisas que requeriam o uso da internet. Estamos majoritariamente acostumados com a presença que nos permite o toque, chamar atenção do aluno quando o mesmo não nos olha durante a explicação de um conteúdo.

Nesse prisma, estamos habituados à escola física, aos muros, cercas e portões que nos deixam cercados em nome da segurança. O que acreditávamos saber devido a anos de estudo, de uma experiência dita valorosamente, começou a se esvaír pelos vãos dos dedos, como na Modernidade Líquida descrita por Zygmunt Bauman (2003). Muitos foram tomados pelo desespero, pela angústia, pelo medo. Como ensinar em tempos de pandemia? Como fazer uso de ferramentas que nos permitissem a aproximação, mesmo em período de distanciamento social? Estamos sendo desafiados. O desafio está no como criar e manter uma ponte dialógica do como ensinar e aprender, na relação

professor-aluno. Tal relação me faz lembrar Mia Couto (2005), em *Os Sete Sapatos Sujos*, ao nos alertar:

Se não mudarmos de atitude não conquistaremos uma condição melhor. Poderemos ter mais técnicos, mais hospitais, mais escolas, mas não seremos construtores de futuro. Falo de uma nova atitude, mas a palavra deve ser pronunciada no plural, pois ela compõe um conjunto vasto de posturas, crenças, conceitos e preconceitos. Há muito que venho defendendo que o maior factor de atraso em Moçambique não se localiza na economia, mas na incapacidade de gerarmos um pensamento produtivo, ousado e inovador. Um pensamento que não resulte da repetição de lugares comuns, de fórmulas e de receitas já pensadas pelos outros. Às vezes me pergunto: de onde vem a dificuldade em nos pensarmos como sujeitos da História? Vem sobretudo de termos legado sempre aos outros o desenho da nossa própria identidade. Primeiro, os africanos foram negados. O seu território era a ausência, o seu tempo estava fora da História. Depois, os africanos foram estudados como um caso clínico. Agora, são ajudados a sobreviver no quintal da História (COUTO, 2005, p. 157).

O que nos chama a atenção é o olhar que Mia Couto tem ao afirmar que é preciso acender em nós um “pensamento que não resulte da repetição de lugares comuns, de fórmulas e de receitas já pensadas pelos outros” (COUTO, 2005, p.157). É preciso que cada um seja quem é. É preciso desenhar a “nossa própria identidade” (COUTO, 2005, p. 157). No contexto da educação é necessário e imediato que cada professor, enquanto outros passam a escrita a limpo, que ele passe a escrita a sujo (COUTO, 2006). Não poderia deixar de

mencionar Manoel de Barros que nos convida, no exercício de nossa reinvenção, a aprender que as “palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma” (BARROS, 2003, p. 1) e, como caçadora de achadouros (BARROS, 2003) da profissão docente.

Impulsionada por essas linhas de reflexão, permito-me ousar a escrever sobre ‘De repente, aulas remotas! O reinventar-se na profissão docente’, com o objetivo de ‘compreender a reinvenção docente por meio da produção de materiais pedagógicos para as aulas remotas no período da COVID-19’. O objetivo geral proposto nos permite uma reflexão dialógica, partindo de dois pressupostos, sendo eles: 1. Teorizar os conceitos de reinvenção e identidade profissional docente e 2. Descrever a produção de materiais pedagógicos de professores do Ensino Fundamental I para aulas remotas no período da COVID-19.

Em se tratando de pesquisa, quanto à abordagem, ou seja, a maneira que apresentaremos a temática proposta, podemos afirmar que se trata de uma pesquisa qualitativa, uma vez que, esse formato de pesquisa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 2001, p. 14), ou seja, ela serve para “analisar questões que não podem ser mensuradas ou para as quais queremos construir um modelo explicativo” (ROSA, 2013, p. 42). Quanto aos objetivos traçados, a presente investigação científica é

classificada como pesquisa descritiva, pois nos propomos a uma análise documental e, quanto aos procedimentos, ela é documental – por ser uma “fonte rica e estável de dados” (GIL, 2002, p. 62-63). Para Piana a pesquisa documental retrata:

não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, segundo o autor, e o que a diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa (PIANA, 2009, p. 122).

Por se tratar de uma pesquisa documental, o documento a ser analisado é uma parte do material pedagógico produzido pelos professores do Ensino Fundamental I para as aulas remotas, constituindo-se como objeto dessa investigação. Cabe ressaltar que documento é “tudo que se serve de testemunho” (CELLARD, 2008, p. 296) nesse processo de reinvenção docente, ou, segundo Appolinário (2009, p. 67), todo e qualquer “suporte que contenha informação registrada, formando uma unidade, que possa servir para consulta, estudo ou prova. Incluem-se nesse universo os impressos, os manuscritos, os registros audiovisuais e sonoros, as imagens, entre outros”. O processo de aulas remotas requer um novo professor e, esse está se redescobrendo em que se vislumbra seguir o método fenomenológico.

Os conceitos de reinvenção e identidade profissional docente

Temos pela frente um cenário de possibilidades, assim como, diferentes prismas sobre a temática apresentada, a luz do saber eidético do mundo, ou seja, da essência do fenômeno a partir do método da fenomenologia. Para a fenomenologia o “fenômeno é o que se mostra no ato de intuição efetuado por um sujeito individualmente contextualizado, que olha em direção ao que se mostra” (BICUDO, 2011, p. 30). Referenciando o objeto de nossa pesquisa, fica clara a importância de se olhar para os diferentes materiais produzidos por professores nesse período de COVID-19 e, descrever o vivido e os fatos do presente. Em outras palavras, a fenomenologia se apresenta como uma leitura de mundo que nos permite descrever a prática pedagógica no processo de reinvenção do trabalho docente.

Entendemos, a princípio, que o reinventar-se na docência, nada mais é do que:

a existência de possibilidades para que a formação docente consista numa prática de formação interessada na emancipação do sujeito educador, na emancipação de sua visão de mundo, de sua visão de sociedade, de suas práticas pedagógicas, de sua criatividade nos saberes e fazeres em sala de aula etc. (RODRIGUES, 2018, p. 444).

A pandemia vivenciada no tempo presente nos revela “descobertas capazes de reinventar uma prática docente classicamente construída na sala de aula presencial, criando uma nova identidade profissional que atenda às demandas

sociais em sintonia com o espírito do nosso tempo” (SILVA; BRITTO, 2013, p. 106) para uma nova sala de aula, mediada por tecnologias ou por materiais diversos que transformam algum espaço da casa do alunado na extensão da sala de aula clássica. De repente, os professores se condicionam às aulas remotas e estão em processo de reinvenção de suas práticas pedagógicas, preparando materiais impressos, gravando videoaulas, áudio-aulas, trabalhando pelas ferramentas do zoom, meet, chats e outros. Viram-se mergulhados na cibercultura e assim:

Espera-se que o docente, na cibercultura, saiba: explorar as novas redes de comunicação interativa e desenvolver uma pedagogia que contemple a dinâmica da web; fazer o uso adequado das novas tecnologias de informação e comunicação, proporcionando um aprendizado mais significativo e lidar com interfaces potentes que reúnem áudio, vídeo, bidirecionalidade, multidirecionalidade, apresentação, textos, chat, wiki, fórum, Second Life, tela tátil, dentre outras (SILVA; BRITO, 2013, p. 107).

Um novo aprendizado para aqueles que ouviam dizer que suas missões eram apenas ensinar. Agora, estavam começando a aprender a lidar com ferramentas pouco direcionadas, no dia a dia, ao seu trabalho docente. O reinventar-se está ligado a um novo “processo de distribuição e difusão de informações com infinitas articulações e caminhos a percorrer, que vão exigir cada vez mais o uso sinestésico (visão, audição, tato e voz), permitindo um maior envolvimento, em termos educacionais, entre alunos e docentes” (SILVA; BRITO, 2013, p.109).

A suspensão das aulas presenciais como forma de combater a COVID-19 tem nos possibilidade a “necessidade de refletir, cada vez mais, sobre o que são os saberes docentes neste contexto e, principalmente, quais as melhores formas de aí lecionar e aprender” (SILVA; BRITO, 2013, p. 110). Nesse contexto de pandemia, o docente precisa ser:

um incansável pesquisador. Um profissional que se reinventa a cada dia, que aceita os desafios e a imprevisibilidade da época, para se aprimorar cada vez mais. Que procura conhecer-se para definir seus caminhos, a cada instante. Em um momento social em que não existem regras definidas de atuação, cabe ao professor o exame crítico de si mesmo, procurando orientar seus procedimentos de acordo com seus interesses e anseios de aperfeiçoamento e melhoria de desempenho (KENSKI, 2006, p. 90).

A reflexão sobre os saberes docentes é a mola propulsora para se discorrer sobre a ‘identidade profissional docente’ e, propriamente, os saberes docentes. É sabido que o “saber profissional está, de certo modo, na confluência entre várias fontes de saberes provenientes da história de vida individual, da sociedade, da instituição escolar, dos outros atores educativos, dos lugares de formação” (TARDIF, 2007, p. 64) e são “mobilizados e modelados no âmbito de interações entre o professor e os outros atores educacionais” (TARDIF, 2007, p. 106). Essas percepções colaboram para discorrermos alguns pontos sobre a identidade profissional docente. É preciso compreender:

o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e

se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto. Sendo assim, a identidade pode ser entendida como uma resposta à pergunta “quem sou eu neste momento?” A identidade profissional não é uma identidade estável, inerente, ou fixa. É resultado de um complexo e dinâmico equilíbrio onde a própria imagem como profissional tem que se harmonizar com uma variedade de papéis que os professores sentem que devem desempenhar (MARCELO, 2009, p.112).

Para Pimenta (1996, p. 76) uma “identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições, mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas”. Em outras palavras, a identidade profissional:

constrói-se pelo significado que cada professor, enquanto ator e autor, confere à atividade docente no seu cotidiano, com base em seus valores, em seu modo de situar-se no mundo, em sua história de vida, em suas representações, em seus saberes, em suas angústias e anseios, no sentido que tem em sua vida o ser professor (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002, p. 77).

Nesse ínterim, não podemos nos esquecer que:

A identidade é construída a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias (PIMENTA, 1999, p. 19).

Novas teorias serão alimentadas pela descrição do vivido, das experiências vividas e, no nosso caso, a partir dos materiais pedagógicos produzidos pelos professores nesse período de pandemia. Os professores mobilizam saberes e os ressignificam em novas práticas pedagógicas. Esses saberes “brotam da experiência e são por ela validados. Incorporam-se à vivência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber fazer e de saber ser” (TARDIF, 1991, p. 220) na/da profissão.

A produção de materiais pedagógicos de professores do Ensino Fundamental I para aulas remotas no período da COVID-19

O professor nem sempre é incentivado a produzir recursos para a sua aula, ou seja, produzir materiais pedagógicos que contribuam para ações reflexivas e colaborem na produção de conhecimento. Quando discorreremos sobre produzir materiais pedagógicos, não estamos resumindo

essa produção à confecção de materiais de enfeites, mas sim de uma produção que vai muito além do tradicional vigente. O professor não é incentivado - grande parte das vezes - a produzir materiais pedagógicos, mas a utilizar o que já existe, tomando por referência o uso do livro didático ou das apostilas escolhidas pelas instituições de ensino. Salientamos que material pedagógico ou didático-pedagógico é toda produção que corrobora no processo de ensino e aprendizagem.

O início da segunda quinzena de março, do ano de 2020, foi marcado pela suspensão das aulas presenciais nas instituições de ensino, devido a COVID-19. Naquele momento o distanciamento social fora tomado como a melhor forma de prevenção. Vinte dias depois, toda a comunidade escolar recebe por decreto a obrigatoriedade de continuar ministrando aulas para cumprir o calendário escolar. Direção escolar e coordenadores pedagógicos se organizam para orquestrar as orientações pedagógicas, frente aos professores e alunos/pais. Os professores levam o choque inicial. Como ministrar aulas remotas? Não se trata de aulas no formato da Educação à Distância, dessa maneira, as aulas precisam chegar aos alunos e seus pais.

As primeiras estratégias estavam voltadas para o uso da internet, de ferramentas como o *facebook* ou *blog* da escola. Ao mesmo tempo, surge a preocupação de que, principalmente nas periferias, a internet é um luxo e, muitos não dispõem da mesma em casa. Para muitas famílias o único recurso é o aparelho de celular e a internet é precária, ou o seu uso depende de créditos adicionados ao número do celular. Recorrem a uma nova

estratégia para atender ou tentar atender o maior número de alunos possíveis, fazendo a escolha pelo *whatsapp* (essa escolha se dá devido à bonificação das empresas de telefonia aos números ativados ao acesso a essa ferramenta de comunicação).

As escolas privadas e aquelas públicas centrais, em que o público alvo é diferenciado economicamente, outros recursos de acesso a aulas remotas, tais como, as ferramentas do *zoom* e *meet* ou plataformas próprias das instituições. O problema de um possível acesso as aulas remotas estavam resolvidas. E agora? E os professores? Como ministrarão as aulas em tempos de pandemia? Enquanto professores, sabemos na maioria das vezes a administramos a nossa sala de aula. Agora, teríamos que administrar um contexto desconhecido.

Dois fragmentos de falas servirão de proposições iniciais para a análise de materiais pedagógicos produzidos pelos professores para atendimento remoto:

Fragmento 1 - De repente, recebemos uma Comunicação Interna que as aulas seriam suspensas, a princípio, por vinte dias. Dias depois, a comunicação que não voltaríamos às aulas, mas que deveríamos preparar os professores e alunos/pais para um retorno à distância, por meio de aulas remotas (COORD. PEDAGÓGICO, 2020).

Fragmento 2 - A coordenação me disse que nossas aulas recomeariam e que iríamos atender os alunos por meios de grupos de *whatsapp* ou por outra ferramenta de comunicação. Transformei a sala de casa em um pequeno estúdio improvisado. Hoje, eu e minhas colegas socializamos o que preparamos, do nosso jeito e com as nossas condições (PROFESSORA, 2020).

O primeiro fragmento nos revela uma Comunicação Interna (C.I), entre Secretaria Municipal de Educação e Escolas a qual não tivemos acesso, mas essa C.I é atestada pelo Decreto n. 14.189, de 15/03/2020, publicada no Diário Oficial do município de Campo Grande/MS no dia 16/03/2020, p.06, descrevendo que:

Art. 1º - Ficam suspensos, a partir de 16 de março de 2020, todos os eventos públicos agendados pelos órgãos ou entidades municipais, devendo tais encontros serem remarcados oportunamente após oitiva do Comitê Estadual de Saúde e da Secretaria Municipal de Saúde. **Art. 3º** - Fica suspenso o funcionamento pelo prazo de 20 (vinte) dias corridos, a partir de 18 de março de 2020, de todas as escolas da Rede Municipal de Ensino... § 1º. A carga horária da REME será reorganizada posteriormente pela Secretaria Municipal de Educação de forma que não haja prejuízo educacional (DIOGRANDE, 2020, p. 06).

O Decreto n. 14.189, de 15/03/2020, suspende as aulas presenciais, assegurando a reposição de aulas para que os alunos não tenham prejuízos no processo de ensino e aprendizagem, salientando o cumprimento dos 200 dias letivos, totalizando as 800 horas anuais, em consonância o Art. 31, parágrafo II, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394/96, como forma de garantir o disposto, na mesma lei, pelo Art 3º, parágrafo IX, “garantia de padrão de qualidade”. Essa qualidade educacional não é o foco de nosso diálogo.

As discussões sobre os 200 dias letivos passam a ser discutida pela Medida Provisória (MP) 934/2020 e, é aprovada pela Câmara Federal no

último dia 30 de junho. O texto da mencionada MP descreve que as instituições de ensino básico e superior, em decorrência do COVID-19, ficam dispensadas de cumprir os 200 dias letivos, desde que totalizem a carga mínima de 800 horas anuais.

O segundo fragmento pontua a continuidade das aulas, não presenciais, mediante o acompanhamento remoto. Costa (2020, p. online) salienta que o “ensino remoto praticado atualmente (na pandemia do novo coronavírus) assemelha-se a EAD apenas no que se refere a uma educação mediada pela [tecnologia](#). Mas os princípios seguem sendo os mesmos da educação presencial”. De acordo com a LDB 9394/96, Art. 31, §4º, o ensino fundamental “será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais”. Então, devido esse período pandêmico, as aulas passam a ser remotas. Aulas remotas estão ligadas à utilização de ferramentas que viabilizam com que a mensagem docente chegue até o alunado – essa proposição é o ponto de partida que observo a partir do segundo fragmento. E, as ferramentas utilizadas são, geralmente, o celular, o uso de aplicativos, como o *whatsapp*, *facebook* e videoaulas produzidos informalmente.

Devido ao pouco tempo e ao acesso aos materiais pedagógicos produzidos pelos professores nesse período de pandemia, tive acesso a um Caderno de Atividades do 6º ano do Ensino Fundamental – Anos Finais e, a uma videoaula. O Caderno de Atividades contemplava todos os componentes curriculares. Era o 5º caderno enviado para os alunos. Havia uma sequência didática de conteúdo. Os chamados conteúdos novos permeavam todo o caderno. Textos e

atividades, ainda tradicionais, sem a cobrança de reflexões, presas à memorização. O vídeo era de uma aula de matemática.

Nota-se, que houve a preparação do local, a boa intenção do professor, mas aula era tradicional, ensinado multiplicação pela tabuada e decoreba. Faltava o uso de outros recursos como o ábaco, material dourado ou tabuada com as mãos. As atividades propostas para aquele dia eram ainda de reprodução de modelos e da fixação/memorização por meio da execução de uma lista de atividades complementares, citando o livro didático. O material didático utilizado, embora pensado e discutido com o corpo de professores como um conteúdo disciplinar definido no Projeto de Intervenção Pedagógica poderia apresentar atividades que envolvessem os alunos e não apresentava uma avaliação da aprendizagem como *feedback* da aula ministrada.

Observa-se, nos fragmentos do Coordenador e da Professora que o ensino remoto passou a ser um desafio que deveriam enfrentar adaptando a maneira de trabalhar em sala de aula a essa nova situação. Quem não sabia manusear o computador, passou a usá-lo com a ajuda de outras pessoas da família. Quem não sabia gravar vídeos, por vezes aprendeu com o próprio celular. Alguns estão aprendendo a editar vídeos, outros enviam de forma muito caseira. Outros, ainda, adaptaram um espaço de sua casa para ser estúdio caseiro, fazendo daquele espaço uma sala de aula. Com certeza, os professores estão se reinventando. Reinventar-se, no sentido de ressignificar sua identidade, atualizando a defesa de Nóvoa (1992), ao afirmar que a identidade docente “não é um dado adquirido, não é uma propriedade,

não é um produto. A identidade é um lugar de lutas e de conflitos, é um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (NÓVOA, 1992, p. 16) e, essa identidade docente vai revelando o “nível de competência dos profissionais” (PERRENOUD, 2002, p. 12) à medida que esses profissionais assumem a “consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca” (FREIRE, 1996, p. 57). Nessas buscas, assumem uma “posição de inacabamento, vinculada à história de vida dos sujeitos em permanente processo de formação, que proporciona a preparação profissional. O processo de formação é multifacetado, plural, tem início e nunca tem fim” (VEIGA, 2008, p.15), reforçando que a “prática é o ponto de partida e de chegada do processo de formação” (2008, p.16).

Ressaltamos o conceito de material pedagógicos ou didático, como:

todo e qualquer recurso de apoio às interações pedagógicas no contexto de uma relação educativa, tendo sido ou não desenvolvido com fins educacionais. Desse modo, um filme comercial, que o professor seleciona para apoiar suas intervenções, tornasse material didático tanto quanto o é um manual escolar especialmente desenvolvido para esse fim. São exemplos de material didático os diferentes recursos impressos e audiovisuais utilizáveis [...], tais como um livro técnico, uma televisão, um termômetro, um site, uma teleconferência, um modelo científico, um animal de laboratório, um software educativo, um jogo, uma planta [...], um aquário, uma maquete, um museu, uma biblioteca etc (SANTOS, 2011, p. 17).

Esses materiais continuam sendo produzidos, de uma forma reflexiva ou não, seguindo a defesa de Neder (2009), com os objetivos de:

ajudar o aluno a trabalhar o conteúdo selecionado, destacando algumas partes e/ou repetindo outras, quando achar que é importante o destaque; dizer-lhe o que necessita fazer para trabalhar com o material; estabelecer claramente os objetivos à luz do estudo que vai ser desenvolvido; explicar o conteúdo de tal maneira que os alunos possam relacioná-lo com o que já sabem; animar os estudantes reiteradamente, para que realizem o esforço necessário para a aprendizagem do conteúdo trabalhado; provocar situações – por meio de tarefas, questionamentos e exercícios – que estimulem os alunos a buscar outras fontes de consulta para o aprofundamento do conteúdo trabalhado; dar condições para que os alunos possam acompanhar seu próprio processo de aprendizagem (NEDER, 2009, p.19).

Tais objetivos realçam que a “relação com o saber é a relação de um sujeito com o mundo, com o outro, e com ele mesmo” (CHARLOT, 2000, p. 78), ao passo que corrobora para que os professores reconheçam que os “saberes dão sustentação à docência e exigem uma formação numa perspectiva teórica e prática” (VEIGA, 2008, p.20). A descrição e análise das produções de materiais pedagógicos, desse período de pandemia, visa unir a teoria e a prática, será o nosso próximo passo, de uma escrita apreciada.

Considerações

Traçar essas linhas foi um tanto complexo. A base de fundamentação teórica, o estado da arte ou do conhecimento, ainda está em construção. Autores vão surgindo à medida que mergulho em novas leituras. A cada leitura uma descoberta, um passo é dado para desvelar o que antes era ou estava oculto ao meu conhecimento. Estou vivendo essa condição inconclusa. Estamos em busca. Em busca da identidade profissional, ou seja, das descobertas do exercício da profissão de docente e do seu papel social em tempos de pandemia. Reinventar-se na profissão se apresenta como um desafio. A COVID-19 nos tirou de nosso quadrado, de nossa caixa. Estamos transpondo muros. A sala de aula não está mais na sala, do espaço físico, chamada escola. A sala de aula ganhou os lares de nossos alunos. Estamos rumo à cibercultura. Assim inaugurando no mundo o novo processo de ser escola e, ao mesmo tempo, estamos nos redescobrimos como profissionais da educação, par além da sala de aula presa aos muros da escola. As salas de muitas casas se transformaram em salas de aulas. Nossos conteúdos, nossas vozes, nossas atividades percorrem novos caminhos para chegar a onde nossos alunos estão. Sou professora e, de repente, faço parte das aulas remotas. Nossas reflexões surgirão a partir da descrição e análise dos materiais pedagógicos produzidos por nós professores como neste artigo científico.

Referências

- APPOLINÁRIO, F. **Dicionário de metodologia científica: um guia para a produção do conhecimento científico.** São Paulo, Atlas, 2009.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- BICUDO, M. A. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo uma visão fenomenológica.** São Paulo: Editora Cortez, 2011.
- CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Petrópolis, Vozes, 2008.
- CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria.** Trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- COSTA, R. **Lições do coronavírus: ensino remoto emergencial não é EAD.** 2020. Disponível em: <https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-ensino-remoto/> - acesso em 08/07/20.
- COUTO, Mia. **Pensatempos** – textos de opinião. Lisboa: Caminho, 2005.
- COUTO, Mia. **O outro pé da sereia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- DIOGRANDE. Diário Oficial de Campo Grande/MS. **Decreto n. 14.189**, de 15/03/2020.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- KENSKI, V. M. **Tecnologias e Ensino Presencial e a Distância.** 4ª ed. Campinas: Papirus, 2006.
- MARCELO, C. A identidade docente: constantes e desafios. **Rev. Formação Docente** – Belo Horizonte, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NÓVOA, Antônio (Org). **Vida de professores.** Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PERRENOUD, P. **A Prática reflexiva do Professor** – Profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- PIANA, M. C. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.
- PIMENTA, S. G. Formação de Professores – Saberes da Docência e Identidade do Professor. **R.Fac.Educ.** São Paulo, v.22, n2 p.72-89, jul./dez.1996.
- PIMENTA, S. G. Formação de professores: Identidade e saberes da docência. In.: PIMENTA, S. G. (Org.) **Saberes pedagógicos e atividade docente.** São Paulo: Cortez, 1999.
- PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. **C. Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez, 2002.

RODRIGUES, S. de O. **A pesquisa científica como método para reinventar as práticas pedagógicas dos professores que atuam na educação superior brasileira.** UEL: Londrina/PR, 2018.

ROSA, P. R. da S. **Uma introdução à pesquisa qualitativa em ensino de ciências.** UFMS: Campo Grande/MS, 2013.

SILVA, M.; BRITO, S. Docência online no ensino superior: saberes docentes e formação continuada. **Educação Foco.** Juiz de Fora, 2013.

VEIGA, I. P. A. **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas.** Campinas: Papirus, 2008.